

A Felicidade sem Objeto

“A realidade é apenas uma ilusão, embora muito persistente”

Albert Einstein

Os objetos são percebidos pela mente, através dos órgãos dos sentidos, com propriedades individuais, como forma, cor, temperatura, textura...que os caracterizam. Entretanto, nenhum órgão dos sentidos percebe um objeto ou propriedade, apenas canaliza informação para a mente, a qual interpreta a informação que chega e “atribui” um nome de acordo com as propriedades, de modo que úmido, frio e azul se tornam “água” e quente, amarelo e tremeluzente se tornam “fogo”.

Tudo aquilo que vemos, ouvimos tocamos e sentimos como matéria no mundo, e até mesmo o próprio universo, são apenas “sinais – ondas” interpretados pela mente. Assim, podemos concluir que todos os objetos são apenas pensamentos e sua localização não está “lá fora”, mas na mente. Por outro lado, sob o ponto de vista da física de partículas, não existe contato real com os objetos, e por outro lado, nada é realmente sólido. A sensação de contato com objetos é dada pela mente, logo não vivemos em um universo de objetos, vivemos em um universo de pensamentos!

De fato, a chamada “realidade” é construída pela mente a partir de estímulos sensoriais e só existe na mente. Estes conceitos estão contidos no princípio antrópico da física, que estabelece que qualquer teoria válida sobre o universo tem que ser consistente com a existência de um observador. Em outras palavras, o único universo que podemos ver é o universo que possui observadores.

Estas novas ideias sobre a realidade, inovadoras e disruptivas, têm atraído cada vez mais cientistas de diferentes áreas, como física, biologia e neurociências, entre outras, para estudar um antigo problema ainda sem resposta, “o problema da consciência”.

Embora tenham sido identificadas áreas do cérebro relacionadas com a percepção de cada propriedade, ainda não foram encontradas correlações entre uma dada atividade ou área cerebral e uma percepção específica, tal como as diversas tonalidades de uma cor. Um fenômeno, ainda de mais difícil entendimento, é a falta de correlação entre uma dada atividade cerebral e a única e indescritível percepção da própria existência. Assim, pesquisadores de diferentes áreas chegaram a hipóteses convergentes, nas quais a ideia de uma “Consciência”, fora do espaço-tempo, é introduzida como sendo a essência e o fator causal da “realidade objetável”.

Os seres humanos estão programados para ver o mundo como "lá fora", e não na própria mente. É como se cada ser humano fosse personagem de um jogo de realidade virtual. Esse programa de "realidade virtual", chamado de "Maya" pelo Vedanta, e recentemente, de "Matrix", no ocidente, é o poder que tanto vela quanto projeta, escondendo a verdadeira realidade. É como no sonho, o sonhador é tanto o sujeito quanto os objetos, a casa, as pessoas, as árvores ... toda a criação! O que nos leva à pergunta: *como um sonho difere do mundo que é vivenciado quando acordado?* Da mesma forma que um sonho parece real, quando em estado de vigília, todas as formas, das mais grosseiras até as mais sutis, objetos, pensamentos, sentimentos e emoções, por mais que pareçam reais não passam de criações mentais. Tudo isto nos leva a seguinte pergunta: *A que distância os objetos estão da mente?*

Certamente, os objetos não estão a nenhuma distância da mente. Maya é tão real, tão real, que engana a todos. Assim, podemos dizer que os objetos que aparecem em Maya têm uma existência aparente, mas não são reais, da mesma forma que o axioma científico que estabelece que só por algo parecer ser uma coisa, não significa que seja.

Se tudo é "aparentemente real", o que é verdadeiramente real?

Parmênides (530 a.C. – 460 a.C.), filósofo grego, definiu o "real" da seguinte forma: *"Para que algo seja real, deve ser permanente, imóvel, imutável e indivisível"*. Tomando este axioma como válido, para algo ser real não pode estar no espaço-tempo, isto é, tem que estar fora de Maya. A igual que cientistas de vanguarda, o conhecimento contido em diversas tradições antigas, coincidem em que a verdadeira existência é não dual, completa e indivisível, ao contrário do que nos fala nossa percepção cotidiana. Em este nível de realidade "mais profundo", digamos assim, não existe separação, portanto, nada no mundo ou no próprio universo, possui uma existência separada dessa existência não dual. Sendo assim, todos os objetos no universo fenomênico são aparentemente reais porque são impermanentes, e surgem dessa realidade mais profunda, o substrato de toda a existência.

Podemos entender esses dois níveis de realidade e a relação entre eles usando a analogia da miragem e o deserto. Onde a miragem – Maya depende da existência do deserto, entretanto, o deserto – Consciência não depende da miragem para sua existência nem é afetado pela miragem. Entretanto, para quem está na miragem, esta parece real. Uma descrição de Maya é encontrada na mecânica quântica, a qual descreve dois subníveis de ilusão dentro de Maya, como a alternância entre "onda – partícula", e também no Zen Budismo, como a alternância entre a "não forma – forma". Entretanto, a consciência absoluta, não dual e ilimitada encontra-se além destes níveis. Este conceito está resumido na enigmática frase: *"Os objetos sou eu, mas eu não sou os objetos"*. Maya inverte a relação entre existência – objeto para objeto – existência, dando

ao objeto uma aparente existência independente. Em suma Maya é “uma interface” que produz uma gama infinita de objetos irreais a partir do “princípio primordial” subjacente a tudo o que existe. Esse princípio é a pura “Consciência” indivisível, imutável, o único real.

Finalmente este conhecimento nos leva à questão mais importante da existência humana: *Que sou eu?* Se todos os pensamentos, sentimentos e objetos são construções mentais, o corpo, cérebro, neurônios, moléculas, DNA..., também são, e por outro lado, se eu estou presente antes e depois do surgimento deles, eu não posso ser nenhum deles. Em suma, não posso ser nada do que percebo. Sendo assim, eu só posso ser a própria existência, a pura consciência, sempre presente, livre de atributos.

Neste ponto, pode-se estar se perguntando: *Qual a utilidade deste conhecimento? Qual é a utilidade de saber que o mundo não é real? Que os objetos não são reais?* Na verdade, o fato de nada ser real pode parecer um pouco ou bastante perturbador, mas não se desespere, esse conhecimento é muito útil, eu diria fundamental, para atingir o mais importante desejo humano, a “Felicidade”. Você pode estar se perguntando: *Como assim?* Vamos lá. Se tomarmos consciência que os objetos não são reais, perceberemos algumas coisas importantes que podem mudar completamente nossa percepção – visão de mundo:

- Se os objetos não são reais e aparecem em mim, por todas as razões mencionadas acima, eles não devem conter a felicidade que eu acredito que eles têm e eu tanto procuro. Isso significa que a felicidade não está nos objetos, está apenas em mim, consciência;
- Se estou consciente de minha verdadeira natureza, não tenho nada com que me preocupar, porque nada me pode tocar, “Eu sou imutável”.
- Então meu único problema é a ignorância, *que ignorância?* A ignorância de minha verdadeira natureza. Uma vez que elimine essa ignorância, terei encontrado a verdadeira “Liberdade”, a verdadeira “Felicidade”.

Prof. Enrique R. Arganaraz
Lab. De NeuroVirologia Molecular
Faculdade de Ciências da Saúde
Universidade de Brasília.
e-mail: enrique@unb.br
Fones: 61-31072005 / 61-984258524

Nota: Esse entre outros temas, são abordados na disciplina “Ciência Além da Ciência” na Faculdade de Ciências da Saúde.